



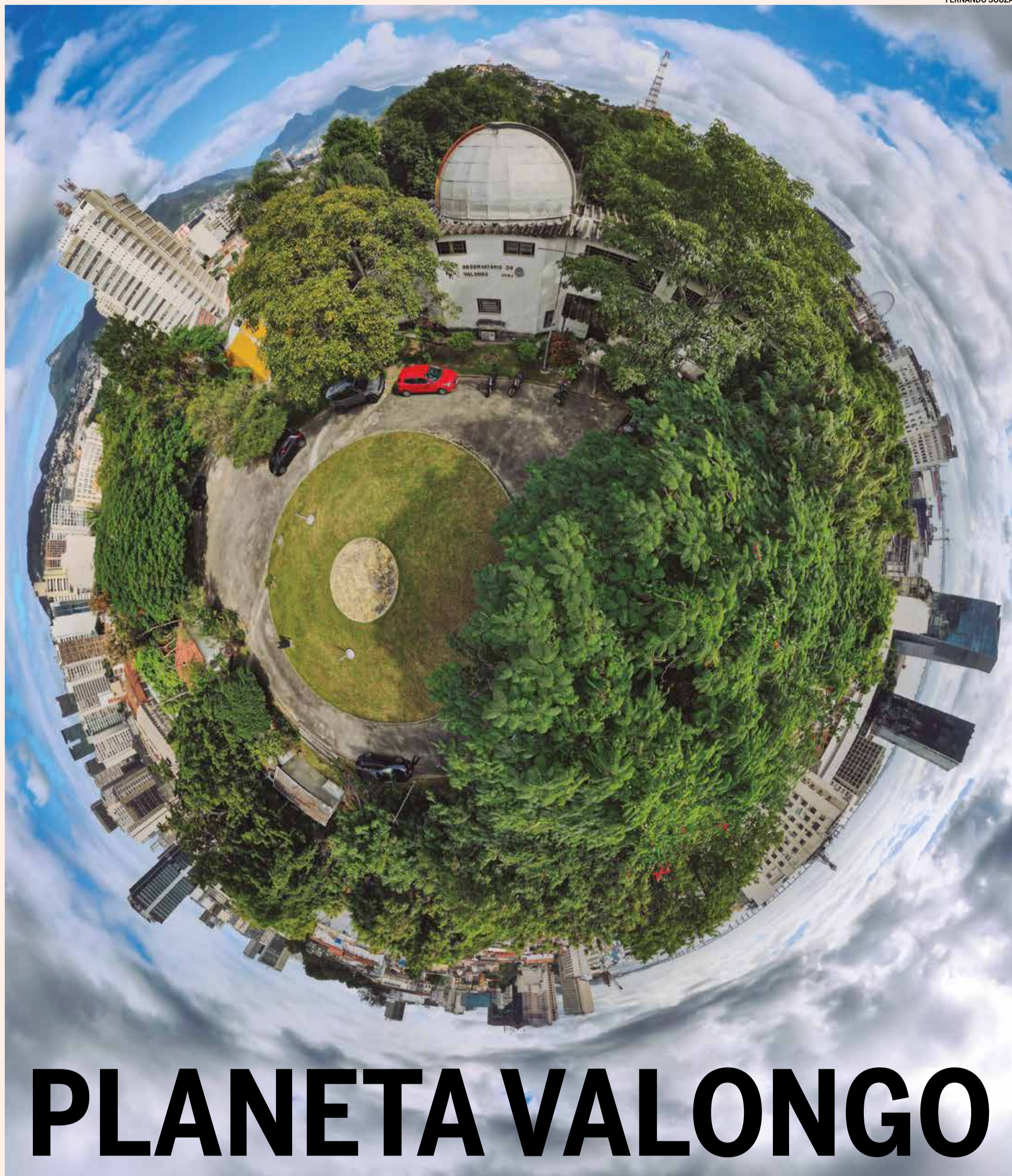
ASSEMBLEIA MULTICAMPI

Reunião decidirá sobre plano de saúde, métodos de participação virtual e Conad. Compareça! Votação será nos dias 2 e 3 em seis locais

Página 12

ARTIGO DE PROFESSOR EMÉRITO DA ECONOMIA DEFENDE FIM DA ESCALA 6X1 P.2

FERNANDO SOUZA



PLANETA VALONGO

> O Observatório é uma das unidades mais fascinantes e desconhecidas da UFRJ. Localizado no alto do Morro da Conceição e debruçado sobre o Centro do Rio, o Valongo tem 15 docentes e 176 alunos de graduação e pós. Na quinta-feira, 28, a diretoria da AdUFRJ visitou a instituição e ouviu as demandas dos colegas sobre os graves problemas de estrutura e do cotidiano de trabalho.

Artigo



JOÃO SABOIA
Professor emérito do
Instituto de Economia da UFRJ.
E-mail: saboia@ie.ufrj.br

PIB, PRODUTIVIDADE E O FIM DA JORNADA 6 X 1

Tenho discutido em artigos no Valor Econômico o comportamento da produtividade do trabalho no Brasil nos últimos anos. Os dados são bastante desfavoráveis. Excluindo-se os casos da agropecuária, da indústria extrativa mineral, dos serviços industriais de utilidade pública e da intermediação financeira, a regra geral tem sido a estagnação ou queda da produtividade nos últimos trinta anos.

O período mais favorável para a evolução da produtividade agregada na economia brasileira no passado recente ocorreu entre 2003 e 2013, quando a produtividade por pessoal ocupado cresceu 20,9% e a produtividade por horas trabalhadas aumentou 25,2%. Tal diferença se deve à redução das horas trabalhadas por pessoa ocupada no período.

Analisando-se a evolução da economia como um todo, observa-se que esses anos coincidem com um crescimento excepcional do PIB, totalizando 48,3% na referida década. Em outras palavras, dependendo da medida de produtividade do trabalho utilizada, pode-se afirmar que cerca de metade do crescimento da economia foi transferido para a produtividade.

Tal associação entre crescimento do PIB e da produtividade nos remete à Lei de Kaldor-Verdoorn (LKV). Trata-se de um resultado originalmente formulado por Petrus Verdoorn e desenvolvido por Nicholas Kaldor, onde, no longo prazo, o aumento da produtividade seria induzido pelo crescimento da produção, impulsionado pelos retornos crescentes de escala. Tal resultado destaca o papel central da indústria como setor dinâmico da economia, que ao aumentar a produção geraria ganhos de eficiência. Embora originalmente a LKV tenha sido pensada para a indústria de transformação, vários estudos têm



Há vários argumentos favoráveis à redução da jornada de trabalho no Brasil, que vão da melhoria das condições de trabalho, ao crescimento do tempo dedicado ao lazer e à família, à busca de aproximação ao padrão internacional dos países mais desenvolvidos e aos efeitos indiretos sobre o aumento da produtividade no futuro

seido desenvolvidos para outros setores da economia com resultados satisfatórios.

A experiência brasileira, desde o início dos anos 1980, a partir dos dados de crescimento econômico e da evolução da produtividade do trabalho por pessoal ocupado mostra uma nítida associação positiva entre as duas variáveis. Destacamos alguns anos de alto crescimento econômico (1985, 1986 e 2010). Nos três

casos, a produtividade cresceu, especialmente em 2010, quando houve um aumento de 7,5% no PIB e de pouco menos de 6% na produtividade do trabalho. Os destaques negativos em termos de crescimento econômico (1983, 2015, 2016 e 2020) representam anos de queda da produtividade, exceto 2020, por conta da Covid, que retirou importante parcela do setor informal da economia, acarretando crescimento de cerca de 5% na produtividade.

A discussão da produtividade do trabalho torna-se ainda mais importante nesse momento em que estamos chegando ao fim da escala 6x1 com redução da jornada de trabalho no país. Em nosso artigo “Produtividade, Investimento e Escolaridade” publicado no Valor Econômico em 30/11/2023, discutimos a importância dos investimentos e da escolaridade dos trabalhadores na evolução do nível de produtividade do trabalho no Brasil. A falta de crescimento econômico, entretanto, dificulta que tais efeitos sejam integralmente repassados à produtividade.

A redução da jornada máxima de trabalho e a eliminação da escala 6 x 1 trazem ao centro da discussão a questão da estagnação da produtividade do trabalho nos últimos anos. Até que ponto tais mudanças serão compatíveis com o que se passa em termos de produtividade no país?

Há vários argumentos favoráveis à redução da jornada de trabalho no Brasil, que vão da melhoria das condições de trabalho, ao crescimento do tempo dedicado ao lazer e à família, à busca de aproximação ao padrão internacional dos países mais desenvolvidos e aos efeitos indiretos sobre o aumento da produtividade no futuro. As críticas estão mais voltadas para a elevação do custo do trabalho, os reflexos sobre a inflação e o risco de aumento do desemprego.

Como é usual, não há consenso entre os economistas. Em artigo publicado no Valor Econômico em 22/02/2026, por exemplo, o economista Naércio Menezes Filho mencionou a experiência da redução de 48 para 44 horas semanais determinada pela Constituição de 1988, mostrando

que os custos para as empresas foram relativamente pequenos e não houve aumento do desemprego. Já Fernando de Holanda Barbosa Filho, no mesmo jornal, em 26/02/2026, chama a atenção para os riscos de substituição de trabalhadores, aumento do desemprego e da informalidade com a aprovação da atual mudança. Argumenta que “devemos buscar ganhos de produtividade para alcançar os reais avanços de bem-estar que a sociedade brasileira tanto almeja e merece”.

Concordamos com os argumentos favoráveis à redução da jornada de trabalho para o máximo de 40 horas semanais, mas simultaneamente é preciso tirar o país do atual atoleiro em que se encontra a produtividade do trabalho. Segundo o IBGE, a jornada média de trabalho no país em 2024 era de 38,4 horas semanais. Portanto, importante parcela dos trabalhadores não será atingida com a redução para 40 horas. Mas alguns setores com jornadas mais elevadas certamente serão afetados. Já a proposta de redução para 36 horas semanais poderia permanecer como uma ambição para o futuro, quando a produtividade voltar a crescer como no período 2003/2013.

Conforme os resultados sugeridos pela LKV e confirmados pela experiência brasileira das últimas décadas, o fim da escala 6 x 1 e a redução da jornada para o máximo de 40 horas semanais poderão ser absorvidos pela economia com mais facilidade se o país voltar a crescer por um longo período a taxas mais elevadas. Tal crescimento, especialmente se associado à recuperação dos investimentos e à melhoria do ensino e da escolaridade dos trabalhadores, deverá contribuir para o aumento da produtividade do trabalho, que teima em permanecer estagnada há vários anos.

Este texto está baseado no artigo do autor publicado no Valor Econômico em 31/03/2026.

“ADORO TRABALHAR NO VALONGO, MAS A FALTA DE ESTRUTURA É ENORME”

> Desabafo do diretor de uma das unidades mais fascinantes e desconhecidas da UFRJ resume os relatos dos professores do Observatório durante visita da diretoria da AdUFRJ

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Do lado esquerdo da principal entrada do Observatório do Valongo, um mosaico de vidro homenageia Urânia, musa da Astronomia. Mas, nos últimos tempos, a inspiração da mitológica figura tem sido insuficiente para a superação de tantos problemas da unidade fundada em 1881 e instalada desde a década de 1920 no topo do Morro da Conceição, no Centro do Rio. É necessário mais orçamento.

“Temos que manter um campus com um orçamento participativo que não contempla nossas especificidades. Até o ano retrasado, recebíamos R\$ 50 mil. Ano passado, com contingenciamento, ficamos na faixa dos R\$ 30 mil. Para manter todos esses prédios que vocês estão vendo aqui, é impossível”, afirmou o diretor do Observatório, professor Thiago Signorini Gonçalves, durante reunião com a direção da AdUFRJ, no dia 28. Desde abril, foi a quarta visita do sindicato às unidades para ouvir as demandas dos colegas.

Até a alimentação é difícil no Valongo. Não há restaurante, bandeja ou sequer uma cantina no local. Levar quentinhas ou fazer pedidos por aplicativo são as alternativas. “Já fizemos licitação e não aparecem candidatos, porque a comunidade do Valongo é muito pequena”, relata o diretor. No momento, há apenas 15 docentes, 13 técnicos-administrativos e 176 alunos de graduação e pós na unidade (veja quadro).

Por conta das colaborações acadêmicas com observatórios do mundo inteiro, o Valongo precisa de uma rede de internet estável e de qualidade. Mas não é o que acontece no cotidiano. Muitas vezes, professores e alunos trabalham de casa para garantir a realização das atividades. Nem o site do Valongo está atualizado. “O melhor exemplo é nossa home page. Não conseguimos atualizá-la. Foi solicitada à TIC (Superintendência Geral de Tecnologia da Informação e Comunicação) a colocação de uma nova home page e ela está online. Mas não nos deram a senha para modificá-la. Já enviei cinco solicitações pelo email da TIC para que os coordenadores tenham acesso e não tenho res-



FOTOS: ALESSANDRO COSTAW

RAIO-X DO VALONGO

15 professores.
Aguardando a contratação de mais um docente permanente e um substituto.

13 técnicos-administrativos,
sendo 3 astrônomos na equipe de extensão

146 alunos de graduação
30 alunos de pós-graduação
(11 mestrandos e 19 doutorandos)

5 laboratórios
1 curso de graduação,
com entrada de 30 alunos por ano

1 programa de pós-graduação (Nota 5)

12 ações
de extensão ativas no SIGA.

Bolsas:
9 bolsas de mestrado e 13 de doutorado da Capes e uma de cada nível dentro do programa nota 10 da FAPERJ. Além disso, 2 bolsas de mestrado do CNPq. Nenhuma de monitoria.

posta”, disse o professor Helio Jacques Rocha-Pinto.

A falta de espaço é outro drama da infraestrutura. A sala onde aconteceu a reunião com a AdUFRJ é a que está em melhores condições. Nas outras e nos corredores, as infiltrações são visíveis. “Só temos quatro salas de aula. Essa é a maior de todas. E aqui nem cabem todos os alunos de graduação. Há

demanda nossa por um auditório desde 1988 e não há perspectiva de que isso será feito”, continuou Helio. “Temos que espremer todas as atividades. E duas das quatro salas são com computadores. E nem todas as aulas usam os computadores”, completou.

Em uma área bastante globalizada, os docentes do Valongo criticaram ainda a ausência de apoio institucional para as viagens. “Se você tem uma disciplina na graduação e uma na pós e fizer duas viagens curtas no semestre, fica muito difícil repor aula. Especialmente na graduação. Não há algo mais institucional para lidar com essas viagens no meio do semestre”, disse a professora Denise Rocha.

A diretoria da AdUFRJ apresentou as ações do mandato — como a construção da sede própria e a colônia de férias — e colocou o sindicato à disposição dos colegas. “O objetivo dessa reunião era falar um pouco do que temos feito nestes meses e também queríamos ouvir as demandas de vocês e ver, como



INFILTRAÇÕES são comuns. Das quatro salas disponíveis, a que recebeu a reunião com a AdUFRJ (alto) está em melhores condições

sindicato, no que podemos auxiliá-los”, disse a diretora Luísa Ketzler. “Queríamos saber quais seriam as demandas mais específicas de vocês que estão aqui no Valongo e estreitar laços. Nós,

como comunidade de professores da UFRJ, precisamos ter essas oportunidades de contato e as unidades mais distantes, às vezes, têm menos isso”, reforçou o diretor Daniel Conceição.

CARREIRA TAMBÉM FOI DISCUTIDA

Na reunião do Valongo, a carreira docente também entrou em pauta. Os salários pouco atrativos do magistério federal tem causado a perda de profissionais da unidade. “Quando houve concurso do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, muita gente saiu da UFRJ buscando uma oportunidade melhor nos institutos de pesquisa que têm um trabalho muito parecido com o nosso”, afirmou o professor Thiago Gonçalves. “O avanço na carreira é muito mais rápido: a gente leva 19 anos, no mínimo, para chegar a Titular; no MCTI, são seis anos. E com condições de apoio à pesquisa que são muito mais vantajosas”, completou.

A presidenta da AdUFRJ contou que a diretoria estuda uma proposta de carreira. “Estamos em uma situação muito ruim. Os salários de entrada e de saída são muito baixos”, afirmou Ligia Bahia. “Queremos que a remuneração seja digna e com um tempo para a pessoa se reciclar, se atualizar. Por exemplo, tendo um ano sabático”.

CAP celebra história de 78 anos de pioneirismo

> Mesa-redonda reuniu docentes, direção e ex-alunos para refletir sobre os desafios pedagógicos da unidade e o papel dos colégios de aplicação na superação das desigualdades sociais do país

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

O que se espera da escolarização da população e da formação de professores no Brasil contemporâneo? O questionamento do professor Máximo Masson, titular da Cátedra Darcy Ribeiro do Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE) permeou o debate que celebrou os 78 anos do Colégio de Aplicação da UFRJ. O encontro festejou a trajetória da instituição, fundada em 20 de maio de 1948, e discutiu o papel da universidade pública na formulação de políticas para a educação básica e no combate às desigualdades no país. O evento também aprofundou o diagnóstico sobre a o CAP-UFRJ e seus desafios pedagógicos.

Um desses desafios – e também motivo de maior orgulho – é o trabalho em torno da inclusão de crianças e adolescentes com deficiência. Em um cenário nacional onde a inserção de estudantes PCD ainda enfrenta grandes gargalos estruturais, o CAP se destaca como uma escola de referência. “Temos 673 estudantes, dos quais 63 são oriundos da educação especial”, destacou a professora Marina Campos, vice-diretora do colégio.

O grupo engloba alunos com deficiências físicas, intelectuais e neurodivergências. Crianças com o Transtorno do Espectro Altiستا correspondem a 80% dos alunos da educação especial. “Inclusão, diversidade e excelência não são campos opostos. Seguimos com rigor acadêmico e mantemos nossa produção no topo”, destacou a professora. “A diversidade enriquece nossa produção coletiva. Deixamos de ser uma escola de elite para nos tornar uma escola que forma para cidadania, na democracia”.

A vice-diretora apresentou a escola como a unidade da UFRJ que mais possui projetos de extensão, o que expressa o vínculo profundo da comunidade escolar com a sociedade. São 65 projetos de extensão articulados com o ensino e a pesquisa. A formação do quadro de professores também foi destacada pela dirigente. “Dos nossos atuais 97 docentes efetivos, 50 são doutores, 40 são mestres e 3 são especialistas”.

A docente também falou sobre os desafios estruturais. “Atuar na educação contemporânea demanda muito preparo, pois precisamos garantir espaços que sejam verdadeiramente



PALESTRANTES Da esquerda para a direita: os docentes Cheilamar Prates, Máximo Masson, Alessandra Carvalho e Marina Campos

democráticos, equânimes. E isso passa por infraestrutura física, por financiamento. Há inúmeros desafios. Hoje não somos uma unidade gestora de recursos, o que nos impõe limitações”, criticou.

Ao pensar na escola do futuro, Marina Campos afirmou que o CAP segue criando uma pedagogia própria. “É uma construção coletiva. Estamos criando maneiras de fazer inclusão aliada a mudanças nas práticas pedagógicas. É um processo permanente. Democratizar o acesso exige reinventar nossos modos de ensinar, gerir e criar formas de permanência e pertencimento”.

A ex-coordenadora pedagógica do CAP, professora Cheilamar Prates, lembrou da escola que ajudou a construir até 1997, quando se aposentou. “Quando eu era bem jovem, saindo da UFRJ como professora de Inglês, eu me deparei com a escola que eu queria para todos. Porém, ainda era uma escola que não era para todos”, disse. “Porém, sempre houve a preocupação que o aluno fosse visto integralmente. Havia acompanhamento pedagógico, quando isso sequer existia em outras escolas. A formação integral do estudante sempre foi um ativo do colégio”, lembrou.

A docente também destacou o caráter do colégio como campo de formação de professores. “A construção do saber do CAP está no topo porque ele nasce como campo de experiência. É

“É uma grande conquista termos acesso por sorteio, termos as cotas, a inclusão, mas isso só é possível hoje porque esse papel de vanguarda é parte do DNA da criação da escola”

VICTOR HUGO KLAGSBRUNN
Economista e ex-aluno do CAP

um colégio para os licenciandos, de forma que a tecnologia pedagógica é trazida pelos licenciandos. É por isso que o CAP acompanha tão fortemente as mudanças sociais”, defendeu.

RAÍZES PROFUNDAS
As quase oito décadas de exis-

tência exigem também o exercício de revisitar o passado. O economista e ex-aluno Victor Hugo Klagsbrunn lembrou que a escola sempre seguiu na vanguarda das mudanças sociais. “É uma grande conquista termos o acesso por sorteio, termos as cotas, a inclusão, mas isso só é possível hoje porque esse papel de vanguarda é parte do DNA da criação da escola”, afirmou.

“Sempre tivemos uma formação questionadora da realidade, sempre fomos instigados a pensar a realidade do país”, lembrou Klagsbrunn, que foi aluno entre 1957 e 1964. “Eu vivi momentos de grande revolução na mentalidade política social e o CAP sempre acompanhou esses movimentos na ponta, trazendo para os seus alunos o mais moderno do pensamento”, destacou o economista, que revelou ter sido preso durante a ditadura militar.

“Fomos formados por professores muito críticos e para sermos críticos. Começamos, então, a pensar e questionar a realidade do Brasil. Quando fui preso, apontaram pra mim e disseram: ‘Aí, mais um do Colégio de Aplicação’. Isso ilustra muito esse espírito que sempre acompanhou o CAP”.

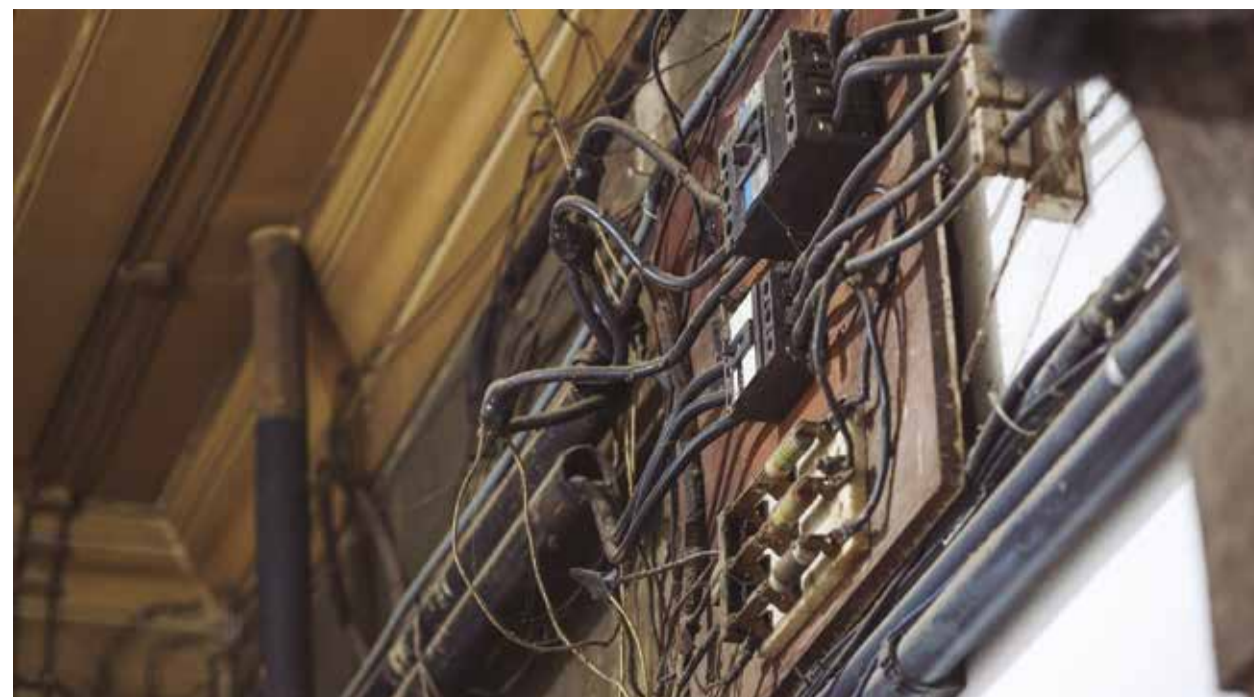
Coube ao professor Máximo Masson fazer a costura entre a importância estratégica dos colégios de aplicação e a missão institucional das universidades federais num momento de mudanças radicais no país. O CAP

foi criado no final da década de 1940, quando terminava o Estado Novo e começava a Quarta República. “Naquele momento, tínhamos uma escola que não era para todos. Portanto, um colégio que, como outras instituições que surgiam no Brasil da época, em especial o colégio de aplicação da USP, surge para ser referência”, explicou Masson.

Com o tempo, esses colégios se tornaram ‘filhas’ de excelência na educação básica pública. Um projeto que segue em transformação, mas que precisa mudar mais. Para o docente, a educação básica brasileira precisa abraçar a tarefa de transformação da sociedade.

“Qual é a relação que nós queremos que a escolarização da população e a formação de professores venha a ter? Onde foi que a escola no Brasil falhou? Estamos em tempos de pessoas questionarem a forma esfoide da Terra, então não basta assegurar formas de mobilidade individual. Precisamos superar os entraves a processos de desigualdade social, que não se resolvem apenas pela formação”, afirmou. “O CAP, assim como toda a universidade, deve estar firmemente atrelado às demandas históricas da classe trabalhadora. Essas instituições devem ser referências para se refletir, para se pensar sobre os processos de escolarização, sobre os processos educacionais e a relação desses processos com os interesses majoritários”.

FERNANDO SOUZA



RISCO DE INCÊNDIO sistema elétrico do imóvel jamais foi reformado



BIBLIOTECA Sistema central demanda muita carga. Problema não será resolvido com obra emergencial



PEÇA DECORATIVA Nenhum aparelho pode ser ligado no prédio

Reforma elétrica do IFCS está perto de sair do papel

> Ministro da Educação determina repasse de R\$ 6,5 milhões para obra emergencial no histórico prédio do Largo de São Francisco. Hoje, aparelhos de ar-condicionado não podem ser ligados

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Uma boa notícia para todos que frequentam o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e o Instituto de História: em uma reunião com o ministro da Educação, Leonardo Barchini, no último dia 19, em Brasília, a reitoria conseguiu recursos para a reforma elétrica emergencial do histórico e castigado prédio do Largo de São Francisco.

“Foi uma reunião extremamente produtiva. O ministro determinou imediatamente alocar R\$ 6,5 milhões para a reforma da parte elétrica”, disse o reitor da UFRJ, professor Roberto Medronho.

A direção do IFCS comemorou. “Esse é o resultado de um esforço de muito tempo. Agora temos a promessa de um valor que pode custear parte da reforma elétrica emergencial”, disse a diretora da unidade, professora

Mayra Goulart — o valor da obra emergencial está estimado em R\$ 7 milhões, R\$ 500 mil a mais que o montante disponibilizado pelo MEC. Caberá ao Escritório Técnico da Universidade fazer a adequação orçamentária.

“Já temos o aval dos órgãos de preservação do patrimônio histórico, IPHAN e Inepac. Chegando o recurso, a gente pode implementar a reforma”, completou Mayra.

A situação do sistema elétrico está tão precária que a obra representaria o básico do básico: a ligação de lâmpadas, ventiladores, equipamentos e os aparelhos de ar-condicionado já instalados, sem risco de incêndio.

“Dada a situação do prédio, nenhum ar-condicionado pode ser ligado. Nem no refeitório nem na própria sala de direção”, afirmou a vice-diretora, professora Julia O’Donnell. “É isso em um edifício onde muitas janelas não abrem. Imagina o que é ter 80 pessoas em uma sala sem janela, sem ar-condicionado. Em turmas de calouros, temos

facilmente 80 alunos dentro de sala de aula”.

A expectativa é que a obra comece ainda este ano, mas não há previsão de quanto tempo vai durar e dos possíveis impactos nas atividades acadêmicas. Os recursos são para a troca de toda a fiação elétrica do imóvel, incluindo quadros de luz e tomadas. “Hoje em dia, o IFCS tem fios encapados com tecido de algodão, que era uma tecnologia do século XIX, quando o prédio foi construído. Ele nunca passou por uma reforma elétrica”, explica Julia.

Não há uma estimativa para a reforma elétrica completa do prédio. Só o projeto executivo da reforma geral do prédio — incluindo parte hidráulica e outras obras de infraestrutura — está orçado em R\$ 1 milhão. “Essa reforma emergencial, por exemplo, não contempla o problema da biblioteca. A biblioteca tem um ar central que não pode ser ligado porque demanda uma carga muito grande”.

DEU NA IMPRENSA



O jornal O Globo repercutiu em sua edição de sábado o levantamento do Escritório Técnico da Universidade (ETU) que estima em R\$ 1,2 bilhão o custo para reabilitação de 142 imóveis da UFRJ. O estudo saiu primeiro no Jornal da AdUFRJ, edição nº 1.391.

FILHAS DE AURORA

Nova bolsa da Capes valoriza mães cientistas. Inscrições vão até 5 de junho

vinculada, como docente permanente ou colaboradora e credenciada como orientadora.

Professoras ligadas aos cursos de pós que formalizaram uma adoção ou guarda no período de até dois anos anteriores à data de submissão da proposta também poderão participar do edital, assim como mães com filhos deficientes ou transtornos do neurodesenvolvimento. Nos dois casos, independentemente da idade da criança.

“Foi uma surpresa muito positiva perceber que havia uma política pública voltada especificamente para reconhecer os desafios enfrentados por mães pesquisadoras”, disse a professora Tatiana Ferreira, do campus Duque de Caxias. “Sou mãe de dois meninos lindos e atípicos, com transtorno do espectro autista: Alex Paulo, de 6 anos, e Raphael, de 5 anos. A maternidade atípica traz desafios muito particulares, que envolvem cuidado, rotina terapêutica, demandas escolares e uma presença constante da família”, conta.

“Para muitas de nós, especialmente aquelas que cuidam de crianças pequenas ou crianças com necessidades específicas de cuidado, como é o meu caso, a trajetória acadêmica exige um esforço adicional que nem sempre é visível nos currículos, nas métricas ou nos processos seletivos”, diz a professora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Farmacologia e Química Medicinal.

Como professora nova na UFRJ – foi contratada em novembro do ano passado –, Tatiana afirma que a bolsa teria um impacto muito significativo em sua carreira. “Estou em uma fase de construção e consolidação da minha trajetória institucional: estruturando projetos, fortalecendo parcerias, orientando alunos e buscando manter uma produção científica consistente. Ter um bolsista vinculado aos meus projetos seria fundamental para ampliar a capacidade de execução das pesquisas, organizar dados, desenvolver experimentos, apoiar análises e contribuir para a produção de artigos científicos”.

A professora está reunindo a documentação necessária para participar do primeiro ciclo do programa, com inscrições abertas até 5 de junho. O resultado final será divulgado até 25 de julho e as primeiras bolsas começam a ser implementadas até 10 de agosto. Um novo ciclo começa em 6 de julho. E assim avança o cronograma até a distribuição das 300 bolsas de R\$ 5,2 mil mensais, com duração de dois anos.

INÉDITO

O programa foi batizado em homenagem à deusa romana do amanhecer e representa um começo para as mães cientistas. “O objetivo do Aurora é mitigar os efeitos da maternidade na vida acadêmica. A iniciativa é inédita na Capes, no Brasil e, talvez, no mundo”, afirma a presidente da Capes, professora Denise Pires de Carvalho.

As mulheres grávidas poderão participar a partir do segundo trimestre da gestação. “Porque os efeitos são a partir de questões relacionadas à maternidade que surgem justamente, na maioria, a partir desta etapa e na fase do aleitamento”, explica a docente.

As 300 bolsas não representam um número definitivo para as próximas edições do Aurora. “Lançamos este número devido ao orçamento que dispomos, mas, se houver demanda maior e for qualificada, podemos ajustar, devido à importância do programa”, afirma Denise.

REPERCUSSÃO POSITIVA

“Maravilhosa!”. Assim a professora Sabrina Ferreira, do Instituto de Química, classificou a iniciativa da Capes. Ela é embaixadora na UFRJ do movimento que busca promover a inclusão e equidade de gênero na Academia, o Parent in Science. “Representa muito mais do que um edital de fomento: simboliza um reconhecimento institucional de que a maternidade impacta a trajetória acadêmica e precisa ser considerada nas políticas científicas. É uma mudança de paradigma nas políticas de fomento, ao compreender que excelência científica e maternidade não devem ser concebidas como dimensões incompatíveis”, afirmou.

Sabrina conta que um programa como esse seria muito importante nos momentos de gestação e idade inicial de suas duas filhas. “Eu diria que principalmente na primeira gestação que ocorreu no início de minha carreira como docente na UFRJ e estava começando meu grupo de pesquisa”, explicou.

A pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UFRJ também avaliou o programa de forma positiva. “É um edital muito oportuno. Socialmente, essa questão do cuidado com os filhos ainda recai muito sobre o gênero feminino. A gente sabe que as mulheres ficam com muitas responsabilidades e isso dificulta a produção científica”, diz a professora Fernanda Mello, superintendente acadêmica de pós-graduação.

AÇÕES AFIRMATIVAS

O programa contempla ações afirmativas. No mínimo 30% do total das bolsas concedidas ao longo da vigência do edital serão, necessariamente, destinados a proponentes autodeclaradas pretas, pardas, indígenas ou quilombolas. E, no mínimo, 10% do total serão voltados para professoras com deficiência ou transtorno do neurodesenvolvimento.

“Qualquer edital que contempla essa população já tão excluída a gente vê com muito bons olhos”, afirmou Rita Gomes, diretora de Acessibilidade da Superintendência Geral de Ações

Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade (SGA-ADA). “Não podemos tratar todos da mesma forma. Existem as questões que atravessam o universo feminino. Gerar uma ação afirmativa para essa mulher que engravida, para essa mulher que tem deficiência, é um avanço social importante”, completou.

FREEMK

FOTOS: JOÃO LAET

JOGO DA PRESERVAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA

Nova exposição da Casa da Ciência brinca com os visitantes para ensinar sobre a importância do bioma

KELVIN MELO
kmelo@adufrrj.org.br

Contos de pássaros, cheiro de folhas e animais silvestres por todos os lados. Desde o último dia 19, basta atravessar um portão da Casa da Ciência da UFRJ, em Botafogo, para sair da selva de pedra carioca e passear por um pedacinho da Mata Atlântica. É a nova exposição “Floresta em Jogo - uma aventura pela biodiversidade”, que fica em cartaz na universidade até 20 de dezembro.

“A exposição é um jogo que estimula o aprendizado sobre o bioma da Mata Atlântica: sua fauna e sua flora. É uma experiência imersiva muito interessante que todos estão convidados a conhecer”, afirmou o diretor da Casa da Ciência, professor Ismar Carvalho, na inauguração.

“A gente percebeu que essa dinâmica de jogo atrai bastante o público e ajuda a entender o conteúdo apresentado”, reforça Livia Mascarenhas, produtora cultural e uma das curadoras da mostra. “Tudo foi construído nessa ‘vibe’ de RPG (Role-playing Game)”, completa.

O ponto de partida da brincadeira é a “ibirá” (árvore, em tupi). Um visor no tronco cenográfico apresenta as instruções do que fazer dali em diante. Ao longo da mostra, eles passam por diversas estações, coletando informações que deverão ser transformadas em um código.

Na fase final, após um diálogo sobre a preservação da Mata Atlântica, o código encontrado será inserido em um teclado para “despertar” uma segunda árvore cenográfica – a embaúba, símbolo da recuperação ecológica. “A embaúba está dormindo e os visitantes-jogadores precisam acordá-la. Ela foi escolhida por servir a muitos animais e a outras plantas dentro do bioma”, diz Livia.



ba, símbolo da recuperação ecológica. “A embaúba está dormindo e os visitantes-jogadores precisam acordá-la. Ela foi escolhida por servir a muitos animais e a outras plantas dentro do bioma”, diz Livia.

Coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, a professora Christine Ruta destacou a importância da exposição. “É um dos biomas fundamentais para a gente conversar com a socie-

dade”, disse. A AdUFRJ apoiou a realização da mostra. “Temos compromisso com a produção científica, com o ensino e também com a divulgação científica”, afirmou a presidente do sindicato, professora Ligia Bahia. “Tive a oportunidade de visitar a exposição e fiquei absolutamente encantada. É um reino encantado. Acredito que será o maior sucesso”, completou.



SERVIÇO

A exposição é gratuita, e pode ser visitada de terça a sexta-feira, entre 9h e 20h, e aos sábados, domingos e feriados, entre 10h e 17h. O agendamento de visitas pelas escolas ou grupos deve ser feita pelo e-mail agendamento@casadaciencia.ufrj.br.

A Casa da Ciência fica na Rua Lauro Müller, 3, em Botafogo.



CASA CHEIA Público lota as sessões que acontecem pelo menos uma vez por mês no Colégio Brasileiro de Altos Estudos. Fila de espera chega a ter 120 pessoas

Projeto une paixão por Cinema e Medicina

MedCine nasceu como matéria de extensão focada nos futuros médicos, mas hoje encanta alunos de todas as áreas com filmes sobre Ciência. As sessões do cineclube reúnem até 170 estudantes

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

Senhores pipoqueiros, muita atenção! Há farta freguesia ao menos uma sexta-feira por mês no belo casarão da Avenida Rui Barbosa 762, no Flamengo, Zona Sul do Rio, onde funciona o Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE) da UFRJ. O movimento começa no fim da tarde, e é formado por jovens na casa dos 20 anos, alunos de vários cursos de graduação da universidade. Eles lotam rapidamente os 170 lugares do salão nobre. Às 18h em ponto começa mais uma sessão do MedCine, o cineclube de Medicina e Ciência que transforma o CBAE em uma das mais movimentadas salas de cinema da cidade.

Mas o sucesso de bilheteria não veio da noite para o dia. Nas primeiras sessões do cineclube, entre o fim de 2022 e o início de 2023, os organizadores distribuíam pipoca e refrigerante para reunir, com esforço, 15 ou 20 estudantes. “No início, a tática da pipoca de graça tinha espaço, hoje não dá mais. Nem a copa do CBAE comporta. As sessões têm até 170 pessoas”,

compara a professora Cláudia Mermelstein, do ICB, uma das idealizadoras do projeto. “Cada saco de pipoca de micro-ondas demora cinco minutos para ficar pronto. Hoje nem daria tempo de fazer pipoca para todo mundo”, ri o professor Manoel Luis Costa, também do ICB e mestre de cerimônia das sessões.

A IDEIA ORIGINAL

Usar clássicos do cinema para debater temas médicos e científicos foi uma ideia surgida em uma das cátedras do CBAE, cujo nome soa sisudo: Cátedra Carlos Chagas Filho de Fronteiras da Biologia e da Medicina. “Mas de sisuda a cátedra não tinha nada. As aulas eram espetaculares, tanto que geraram um livro lançado em janeiro de 2022. E nessas aulas surgiu a ideia de exibir filmes e promover os debates. Os professores de Medicina começaram a participar. O próprio reitor já participou”, conta a professora Ana Célia Castro, diretora-geral do CBAE.

“Eu lembro bem. Em um dos encontros da cátedra discutimos o ensino de Biologia Celular na Medicina, e nesse encontro surgiu a ideia do cineclube, inicialmente voltado para alunos de Medicina, e com filmes com uma temática da Ciência e da área médica. E a Ana Célia nos abriu as portas do CBAE”, confirma



Temos um grupo de WhatsApp em que damos informes, dizemos se ainda há lugar disponível na sessão, e anunciamos os filmes que virão.

MANOEL LUIS COSTA
Professor do Instituto de Ciências Biomédicas

Cláudia Mermelstein.

A professora do ICB conta que os debates são a melhor tradução do sucesso do projeto. Os alunos fazem um círculo com as cadeiras depois do filme e começam a trocar ideias. “Houve um filme em que se mostrava um hospital do século XVIII. No debate, os alunos de Medicina puxaram para o lado da doença, do tratamento. Um aluno da

FAU observou que a arquitetura do hospital pouco mudou em relação aos nossos dias. Já um aluno da Economia veio com uma reflexão sobre como as pessoas se mantinham naquela época, com que recursos. É sempre muito interessante essa troca”.

Manoel Luis Costa recorda que na primeira sessão do cineclube, em 25 de novembro de 2022, menos de duas dezenas de alunos se reuniram para assistir “Nise — O Coração da Loucura”, filme brasileiro protagonizado por Glória Pires e dirigido por Roberto Berliner, que aborda a vida e o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira. Aos poucos, com o boca a boca, a plateia foi crescendo. “Acho que o salto maior se deu quando institucionalizamos o cineclube como um projeto de extensão, e ele passou a ser divulgado para outros cursos da UFRJ. Os alunos têm que cumprir uma atividade de extensão. Participando das sessões, eles ganham os créditos”.

Há hoje 520 alunos inscritos no projeto de extensão, e não é possível abrir novas vagas. Tem até fila de espera, com 120 pessoas. “Nosso controle é feito por um aplicativo criado por um de nossos alunos, que registra a presença por celular e com a localização em que a pessoa está naquele momento. Temos um grupo de WhatsApp em que da-

mos informes, dizemos se ainda há lugar disponível na sessão, e anunciamos os filmes que virão”, diz Manoel.

LOTAÇÃO ESGOTADA

O aplicativo do MedCine funcionou bem na 35ª sessão, no dia 22 de maio. O salão nobre ficou lotado para a exibição de “Thank you for smoking” (no Brasil, “Obrigado por fumar”), de 2006, dirigido por Jason Reitman e estrelado por Aaron Eckhart. Uma sátira que aborda o poderoso lobby da indústria de tabaco nos Estados Unidos. Pela primeira vez, a Prefeitura Universitária liberou um ônibus especial para levar alunos do Fundão para o CBAE. E o ônibus chegou lotado.

Murilo Spineli é o aluno do 6º período de Medicina que criou o aplicativo. Ele faz parte da direção do cineclube. “Eu comecei a estudar Engenharia na USP, também fiz Computação. Gosto dessa parte da tecnologia também, daí consegui criar esse aplicativo. Está sendo muito útil. O volume de pessoas tem aumentado muito”, garante Murilo.

Para o aluno, a melhor parte do MedCine são as discussões pós-filme. “Essa é a riqueza do projeto. Hoje, a maior parte dos alunos que está no projeto não é da Medicina. Tem mais gente da Economia, por exemplo. Os debates duram mais de uma hora.

Um dos dias mais marcantes foi a discussão depois do Bicho de Sete Cabeças. Acho que ficamos quase duas horas no debate sobre o tratamento adotado para doenças mentais”, lembra Murilo.

Nicolas Meireles, também do 6º período de Medicina e da direção do cineclube, concorda. “A gente vê a evolução do projeto não só a nível do número de pessoas, mas na escolha dos filmes, na diversidade dos debates. É muito legal participar porque permite que a gente entre em contato com outros cursos. E também consegue ter uma visão mais multidisciplinar, porque os filmes possibilitam boas discussões sobre temáticas médicas e científicas”.

No debate que se seguiu ao filme “Obrigado por fumar” isso ficou evidente. Maria Luz, aluna do 9º período da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC), no campus Praia Vermelha, foi pela primeira vez ao cineclube e participou ativamente da discussão. “Se me dissessem que esse filme tinha sido feito este ano, eu iria acreditar. Apesar de lançado em 2006, ele é muito atual. Eu vi há um pouco um ensaio de moda em que os modelos e influenciadores sugeriam que fumar é cool. Como no filme tentam fazer com atores de Hollywood. O filme aborda como o capitalismo se reinventa para fazer a mesma coisa”.

Já a estudante Ana Carolina Torres, do 4º período em licenciatura na Escola de Educação Física e Desportos (EEDF), trouxe ao debate lembranças de família, cujas raízes estão no pequeno município mineiro de Vargem Alegre, no Vale do Rio Doce. “Minha família é um exemplo de como o cigarro é um hábito arraigado desde a infância em muitos lugares. Lá

“**É muito legal participar porque permite que a gente entre em contato com outros cursos. E também consegue ter uma visão mais multidisciplinar, porque os filmes possibilitam boas discussões sobre temáticas médicas e científicas”**

NICOLAS MEIRELES,
aluno do 6º período de Medicina

em Minas tem um fumo preto que o povo chama de capitão. Tem um cheiro muito forte e faz muita fumaça. Minha avó materna me contou que minha bisavó começou a fumar capitão com sete anos. Fumava na roça, para espantar insetos, e pegou o hábito. Morreu de câncer de pulmão”.

Ideias e lembranças que tendem a se expandir com a continuidade do projeto e a exibição de filmes que rendem ótimos debates, como “Um estranho no ninho” (“One Flew Over the Cuckoo’s Nest”), drama norte-americano de 1975, dirigido por Milos Forman e estrelado por Jack Nicholson. Vencedor de cinco Oscar em 1976 — incluindo Melhor Filme, Ator e Diretor —, tem exibição prevista para 10 de julho. A professora Cláudia Mermelstein já prevê sala lotada e brinca: “Acho que precisamos agora de um cinema. E de um pipoqueiro”.

FOTOS: ALESSANDRO COSTA



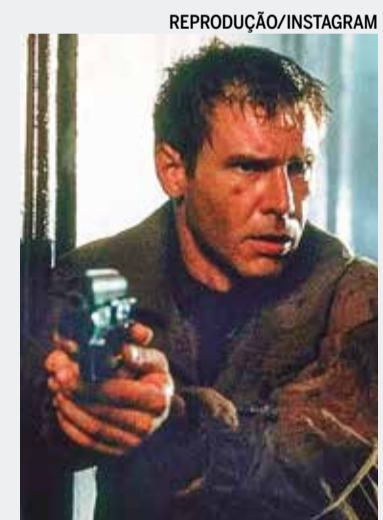
CONTINUAÇÃO Após a exibição de cada filme, público forma um círculo com as cadeiras para o debate



REALIZAÇÃO Manoel Luis Costa, Ana Célia Castro e Cláudia Mermelstein

CLÁSSICOS EM DEBATE

O cineclube chegou à sua 35ª sessão no dia 22 de maio com a exibição de “Thank you for smoking”. Veja a seguir alguns filmes que já passaram pela tela do MedCine:



BLADE RUNNER (1982)

Um clássico da ficção científica dirigido por Ridley Scott e estrelado por Harrison Ford e Rutger Hauer. No Brasil, o filme ganhou o subtítulo “O caçador de andróides”. Num futuro degradado pelo consumismo, Ford vive um exterminador de replicantes, seres criados em laboratório como humanos artificiais.



YOUNG FRANKENSTEIN (1974)

Dirigido por Mel Brooks, o filme foi rodado em preto e branco e mistura comédia, terror e ficção científica. O humor cáustico de Brooks se revela na obsessão do professor Frederick Frankenstein, vivido por Gene Wilder, em dar vida a um tecido humano em laboratório. Inspirado no romance “Frankenstein”, de Mary Shelley.

SOLARIS (1972)

Considerado um filme “cabeça” por tentar se contrapor aos clássicos norte-americanos de ficção científica, a produção soviética dirigida por Andrei Tarkovskiy se passa em uma estação espacial que orbita em torno do planeta fictício Solaris. Os tripulantes entram em crise existencial e um psicólogo é enviado à estação para avaliar a situação.

BICHO DE SETE CABEÇAS (2001)

O filme brasileiro dirigido por Laís Bodanski trouxe reflexões para a luta antimanicomial no país, e foi lançado no mesmo ano da aprovação da Lei da Reforma Psiquiátrica (10.216/2001). Em seu primeiro longa-metragem, Rodrigo Santoro vive um jovem internado pelo pai em um hospital psiquiátrico por fumar maconha, onde sofre tratamentos abusivos.

WONDER (2017)

Com o título no Brasil de “Extraordinário”, o filme norte-a-

mericano dirigido por Stephen Chbosky acompanha a vida de um menino com uma deformidade facial conhecida como Síndrome de Treacher Collins. É um drama comovente que aborda temas como empatia, rejeição, amor e amizade. Julia Roberts e Owen Wilson vivem os pais do garoto, interpretado por Jacob Tremblay.

“SICKO” (2007)

Escrito, dirigido e conduzido por Michael Moore, o documentário aborda o sistema de saúde dos Estados Unidos, dominado pelas grandes companhias privadas de seguro-saúde, e o compara a estruturas públicas de países como Cuba, Canadá, França e Reino Unido. No Brasil, o filme do polemista Moore ganhou o subtítulo “SOS Saúde”.

THE FATHER (2020)

Com o título de “Meu pai” no Brasil, o drama franco-britânico rendeu o Oscar de Melhor Ator a Anthony Hopkins em 2021. Dirigido por Florian

Zeller, o filme mostra a rotina de um galês idoso que sofre de demência e sua relação com a filha vivida por Olivia Colman.

MADRES PARALELAS (2021)

Dirigido por Pedro Almodóvar, o filme espanhol narra o encontro de duas mães solo que dão à luz no mesmo dia e no mesmo hospital — interpretadas por Penélope Cruz e Milena Smit —, e aborda questões como gravidez indesejada e maternidade.

AND THE BAND PLAYED ON (1993)

Produção norte-americana feita originalmente para a TV e dirigida por Roger Spottiswoode, o filme mostra os primeiros tempos da AIDS nos Estados Unidos, com a morte de homossexuais em San Francisco por uma doença até então desconhecida, o preconceito e a desinformação, até a identificação do vírus HIV.

FOTOS: ALESSANDRO COSTA

PORENTRO DA ORQUESTRA



KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

O Jornal da AdUFRJ teve o privilégio de acompanhar os bastidores da mais recente apresentação da Orquestra Sinfônica da UFRJ, dia 22, no Centro de Tecnologia. Foi o 1.050º concerto de uma história de excelência iniciada em 1924.

Da chegada dos músicos ao prédio até os momentos finais, as imagens que compõem estas duas páginas foram registradas pelo fotógrafo Alessandro Costa. O público incluiu pequenos ilustres convidados: meninos e meninas de seis escolas. Todos saíram encantados com a execução precisa e sensível de obras de Mendelssohn (1809-1847), Piazzolla (1921-1992) e Ernani Aguiar, maestro emérito, presente ao espetáculo. Diretor artístico, o professor André

Cardoso explicou para as crianças um pouco de cada autor e o funcionamento da orquestra, reduzida em relação à formação original. "A orquestra é bem maior do que a que está aqui", afirmou. "Hoje, temos o grupo só dos instrumentos de cordas. Cada naípe toca partes distintas. A orquestra é esse mundo de coisas diferentes que se harmonizam perfeitamente na música. É um pouco o reflexo do que deveria ser a nossa própria sociedade", ensinou.

O concerto também foi uma aula. Sob orientação do professor André, cinco alunos se revezaram ao palco para guiar os 14 instrumentistas. Um deles, o estudante moçambicano Feliciano de Castro Comé fazia sua estreia com a orquestra, mas pelo carinho do público que esteve aqui. Foi uma experiência fantástica? Para todos nós, Feliciano!



BASTIDORES Os violistas Rafael Belo e Rúbia Siqueira fazem o lanchinho no camarim antes da apresentação no auditório do CT



GÊMEOS NA MÚSICA Os irmãos Ricardo (à esquerda) e Paulo Santoro, nascidos em 1967, integram a Orquestra Sinfônica da UFRJ desde 1989



GRANDALHÃO O instrumentista Tarcísio Silva retira do case o contrabaixo



TREINO Aluno de regência orquestral, Natan Rosa ensaia os movimentos



PASSAGEM DE SOM A violinista Dâmaris Santos concentrada antes do concerto



SINCRONIA As violinistas Priscila Rato (spalla) e Talita Vieira, no "aquecimento"

FOTOS: ALESSANDRO COSTA



HISTÓRIA DE EXCELÊNCIA Criada em 1924, Orquestra Sinfônica da universidade fez mais uma apresentação cativante no auditório do Centro de Tecnologia



ERNANI AGUIAR Maestro emérito acompanhou toda a apresentação



DIREÇÃO ARTÍSTICA O professor André Cardoso falou sobre os autores das músicas e o funcionamento do conjunto de instrumentistas



ESTREIA Feliciano Comé fez sua primeira regência com a orquestra



ENCANTAMENTO Estudante de uma das seis escolas acompanha o concerto com atenção



DESMONTAGEM Depois do aplauso, ainda é preciso fazer força para guardar instrumentos e todo mobiliário de apoio

AdUFRJ

ASSEMBLEIA*



02/06
TERÇA
8H30

PARTICIPE!

PAUTA

1. Alteração do regimento da AdUFRJ para a contratação do **NOVO PLANO DE SAÚDE** e outros convênios
2. Alteração do regimento da AdUFRJ para tornar explícita a possibilidade de realização de **ASSEMBLEIAS VIRTUAIS** e **VOTAÇÃO POR MEIOS ELETRÔNICOS**, já utilizados pelo sindicato.
3. Eleição da delegação para o Conad.

LOCAIS

- **CT:** Salão Nobre da Decania, 2º andar do Bloco A
- **CCS:** Auditório Leopoldo de Meis, Bloco L
- **PRAIA VERMELHA:** Auditório Manoel Maurício, CFCH, Térreo
- **FND:** Auditório Valladão, 3º andar
- **CAXIAS:** Sala 206, Bloco C
- **NUPEM (MACAÉ):** Auditório Francisco de Assis Esteves, Térreo

(*MULTICAMPI, PRESENCIAL E SIMULTÂNEA)